Artigo original Recebido em: 12/01/2021 Parecer emitido em: 30/01/2021

FERREIRA, F.M.; FERNANDES, A.; Novos entendimentos sobre as diferenças nas aulas de educação física na escola: questões de gênero em pauta. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.20, n.01, supl. p.172-179, 2021. ISSN; 1981-4313.

NOVOS ENTENDIMENTOS SOBRE AS DIFERENÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: QUESTÕES DE GÊNERO EM PAUTA

Flávia Martinelli Ferreira[1]
Anoel Fernandes[1,2,3]
[1]Faculdade Anhanguera de Campinas/SP
[2]Faculdade de Paulínia/SP
[3]Secretaria Estadual de Educação/SP

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo apreender as implicações da produção das diferenças – especialmente no que se refere às questões de gênero – para o processo de inclusão nas aulas de educação física escolar. Para tanto, são apresentados alguns embates contemporâneos a respeito da educação física escolar e as questões de gênero, assim como o enfoque teórico-metodológico da pesquisa etnográfica e suas potencialidades. Posteriormente são apresentados dados de um estudo de cunho etnográfico realizado em uma turma de quarto ano de uma escola pública na cidade de Jundiaí/SP, composta por vinte e seis crianças. Os dados acenam para a necessidade de pensar e refletir sobre as diferenças para pensarmos a inclusão nas aulas de educação física, assim como possibilidades para que a educação e a educação física sejam concebidas como lugares da diferença.

Palavras-chave: Educação física escolar. Gênero. Inclusão.

NEW UNDERSTANDINGS ABOUT DIFFERENCES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES AT SCHOOL: GENDER ISSUES AT STAKE

ABSTRACT

This paper looks into implications of difference production – specially regarding gender issues – for inclusion processes in physical education classes. Therefore, contemporary arguments are presented about physical education classes and gender issues, as well as theorical and methodological studies about ethnography and its potential. Subsequently are presented data from an ethnographic study with a forth grade class in a public school in Jundiai city – São Paulo, with twenty six students. These data point out necessity of thinking about differences to include more students in physical education classes, just as possibilities for education and physical education classes being comprehended like places of difference.

Keywords: Physical education classes. Gender. Inclusion.

.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da inclusão na educação brasileira têm alcançado relevantes embates tanto no plano legalista (com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e a Constituição Federal de 1988), quanto no campo acadêmico. Longe de desconsiderar a relevância das ponderações que debruçam para a educação de uma forma mais ampla, o presente artigo propõe discussões a respeito da inclusão amparadas nas diferenças e seus significados estabelecidos por crianças nas aulas de educação física. Estas reflexões são fruto de pesquisa de campo realizada durante a elaboração de uma dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas em novembro de 2015.

Para situarmos a educação física no contexto educacional, cabe pontuar que como componente curricular, tem a sua obrigatoriedade amparada pela legislação vigente LDB 9394/96 que estabelece a integração da disciplina à proposta pedagógica da escola enquanto componente curricular obrigatório da educação básica.

Dada sua obrigatoriedade, a educação física é desafiada da mesma forma que os demais componentes curriculares, a saber: pela inclusão de todos os alunos e alunas. O artigo propõe, neste sentido, pensar a inclusão notadamente a partir da noção de diferença, amplamente discutida pela Antropologia. Diante disso, objetivou-se apreender as implicações da produção das diferenças – especialmente no que se refere às questões de gênero – para o processo de inclusão nas aulas de educação física escolar. Para tanto, o texto encontra-se organizado inicialmente em um tópico que pretende situar debates contemporâneos a respeito da educação física na escola e sua relação com as questões de gênero; um segundo tópico aborda o emprenho teórico-metodológico da pesquisa etnográfica e suas potencialidades. Em seguida, colocamos em tela questões a respeito das diferenças para pensarmos a inclusão nas aulas de educação física. Por fim, reunimos as considerações finais do artigo para pensarmos a educação e a educação física como lugares da diferença.

Diferenças, desigualdades e a educação física na escola

No cenário acadêmico, a década de 1980 é marcante, pois com a redemocratização do país, e, concomitantemente acompanhando o momento histórico social que passou a sociedade brasileira devido às mudanças políticas, a educação física tem seus modelos até então vigentes criticados e contestados pelos meios acadêmicos, uma vez que, o Brasil não se tornou uma nação olímpica tal como proferido no regime militar. Dessa forma, os profissionais de educação física iniciam um processo de revisão de fundamentos em busca de legitimidade acadêmica para área.

No que diz respeito às questões de gênero, a década de 1980 também é marcante, haja vista que, conforme Goellner (2005) a literatura – por meio dos programas de pós-graduação na área da educação – também começou a desdobrar-se em torno da temática. Nas tratativas com relação à educação física de modo especifico, no período, tem-se uma discussão acerca do objeto de estudo da educação física, a abertura de programas de pós-graduação, além do retorno de profissionais que realizaram seus estudos no exterior. Os estudiosos da educação física começam a propor os chamados movimentos "renovadores" da educação física escolar.

Na atualidade, as aulas de educação física não são legalmente separadas para meninos e meninas – quer seja – a legislação vigente não exige tal distinção (UCHOGA; ALTMANN, 2016). Este processo, de acordo com as autoras, deu-se no início dos anos 1990 e não foi linear e tampouco pacífico. Ainda que as legislações não indiquem tal cisão, Dornelles e Fraga (2009) apontam que a ausência de legislação que assegure a participação conjunta de meninos e meninas nas aulas de educação física não indica que esta prática esteja, na atualidade, completamente abolida.

As aulas de educação física, isto posto, ainda são em alguns casos separadas para meninos e meninas, justificadas por concepções de corpo que os distinguem sob viés biologicista (UCHOGA; ALTMANN, 2016). De qualquer forma, a década de 1990 – a partir de contextos de aulas mistas – reverberou em questões endereçadas aos processos de ensino-aprendizagem, adotando as categorias de gênero em suas análises (UCHOGA; ALTMANN, 2016). Tais reflexões relacionam as aulas de educação física para meninos e meninas aos estudos de gênero, em tentativas de apreender como a escolha dos conteúdos interfere nas questões de gênero e como as diferenças entre meninos e meninas são também produzidas nas aulas de educação física. De acordo com as autoras, além da escolha dos conteúdos, fatores como a confiança nas próprias habilidades e a capacidade de arriscar-se em novas aprendizagens corporais interferem na forma como meninos e meninas se relacionam com as aulas de educação física.

O futebol, na atualidade, é uma prática amplamente ofertada nas aulas de educação física. Portanto, as discussões de gênero estão estreitamente relacionadas à este conteúdo. Segundo Sousa e Altmann (1999) discursos médicos e políticos do início do século XX divulgavam que o futebol não era uma modalidade adequada às qualidades femininas desejadas na prática esportiva. Um decreto é publicado em 1965 proibindo as mulheres de praticarem modalidades esportivas como o futebol e o futebol de salão (GOELLNER, 2005). Ainda que tal proibição tenha sido revogada em 1979, a prática esportiva brasileira e as aulas de educação física não se tornam instantaneamente menos generificadas e igualitárias (SOUSA; ALTMANN, 1999). Para Barreira et al. (2018) concepções relacionadas a participação das mulheres no campo esportivo unidas ao período de proibição legal, geram condições de acesso e participação desiguais à homens e mulheres, ainda vivenciados na contemporaneidade.

A partir do exposto, pode-se afirmar que a educação física escolar tem baseado suas perspectivas e propostas nas abordagens que surgiram visando uma mudança de concepção na área. Para o presente texto, não serão delineadas as especificidades de cada uma dessas abordagens propositivas para a educação física na escola. Apenas interessa, por outro lado, compreendermos os discursos e as tentativas de justificar a importância da educação física na escola, apoiadas em áreas diversas como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia e também a Biologia, para pensarmos no trato da diversidade nas aulas de educação física.

No artigo, amparados pelas lentes de análise da Antropologia e da Educação Física cotejamos a questão das diferenças e, mais especificamente, o que diz respeito às questões de gênero. Isto posto, o contato com as crianças suscitou o interesse em realizar esta pesquisa e retirar o conforto de nos afirmarmos como iguais, utilizando a compreensão da noção de diferença a favor da renovação de nossa prática docente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De antemão, cabe ponderar que as possibilidades e os limites da etnografia devem ser tratados em sua dupla possibilidade: "[...] o passado e o presente dos grupos ou sociedades que estudamos e de nós próprios como sujeitos em relação no processo de pesquisa" (GUSMÃO, 2015, p. 26). Conhecer as matrizes teóricas que sustentam a etnografia, além de noções circunscritas em sua prática e, ainda, críticas que a própria Antropologia formulou sobre si são questões imprescindíveis para que o empenho etnográfico seja transformado em um procedimento teórico-metodológico de pesquisa (GUSMÃO, 2015). O uso simplificado do método e suas armadilhas, para a autora, pode transformar o fazer etnográfico em uma singela descrição de fenômenos sociais. Significa dizer que o contato entre a antropologia, a educação e a educação física deve caminhar em busca da compreensão do outro, para que seja possível produzirmos novas compreensões a respeito das diferenças e de seus significados relacionados às práticas que pretendem ser inclusivas.

A elaboração de perguntas que suscitem respostas rápidas pode favorecer um campo ilusório de interação entre os sujeitos envolvidos (o pesquisador, o professor e as crianças). O estudo de categorias e noções advindas do campo antropológico deverá permitir a tradução e interpretação do que foi vivenciado durante a pesquisa de campo.

O procedimento teórico-metodológico utilizado foi a pesquisa etnográfica. Fonseca (1999) sugere que se produzam novos rumos a partir do olhar nos relatos etnográficos. Este movimento, realizado das descrições particulares para o contexto geral, como proposto pela autora, será efetivado neste artigo, com o intuito de acrescentar novas reflexões acadêmicas e de ilustrar a representatividade dos fatos observados.

O cenário de realização da pesquisa de campo foi selecionado envolvendo critérios (acesso à escola e presença de um professor efetivo de educação física) estabelecidos para o desígnio da escola e da turma observada e a descrição dos espaços e tempos observados na escola. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas da UNICAMP - nº CAAE: 32907814.1.0000.5404, assegurando o compromisso com os protocolos éticos para a elaboração de pesquisas com crianças.

Foram observadas 37 aulas de educação física, abrangendo momentos de entrada e saída da escola bem como os tempos de recreação e outros dias letivos pertinentes para a composição do estudo. A turma observada era formada por vinte e seis crianças, sendo oito meninos e dezoito meninas, entre oito e nove anos de idade. Os dados obtidos e as reflexões aqui narradas de maneira não cronológica são, portanto, fruto de um estudo de cunho etnográfico entre os meses de agosto e dezembro de 2014, na Prefeitura municipal de Jundiaí/SP. Os nomes fictícios usados no decorrer do artigo foram escolhidos nos últimos dias da pesquisa pelas próprias crianças.

Neste cenário, apresentaremos a seguir as narrativas das crianças sobre algumas características da escola, sobre os tempos destinados à recreação ou às brincadeiras que reforçam a construção da escola como um espaço pouco privilegiado para brincar, ser criança e ser diferente. Estes apontamentos forneceram subsídios que contribuíram para a compreensão das dinâmicas culturais infantis estabelecidas na escola e das diferenças e dos significados apresentados pelas crianças nas aulas de educação física.

CONSIDERAR AS DIFERENÇAS PARA PENSAR A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No presente artigo, procuramos analisar as aulas de educação física compreendidas junto às crianças, visando investigar como as diferenças são estabelecidas como desigualdades ou possibilidades em suas práticas. De igual modo, averiguou-se o entrelaçamento destas diferenças, seus significados e as aulas de educação física, além das formas de encontro das diferenças que desencadeavam inclusões e exclusões ao longo deste processo. O empenho esteve centrado na tentativa de nos debruçamos sobre o estudo das dinâmicas culturais infantis objetivando considerar as crianças como atores sociais envolvidos nestes processos de diferenciação. Isto posto, compreender as culturas infantis como dinâmicas sugere considerá-las passíveis de transformações e de novos significados. Diante desta hipótese, foi possível ponderar diferentes formas de construir significados nas aulas de educação física, que são sempre estabelecidos e recriados de maneira contínua pelas crianças.

A diferença é produzida em contextos sociais por meio das relações culturais as quais estamos sujeitos e deve ser percebida como decorrência de atos da linguagem; a estas diferenças são atribuídos significados que insurgem da relação de um ser humano com outro (SILVA, 2009).

Assim sendo, a etnografia com crianças foi exibida como uma tentativa de adotar determinados caminhos para interpretar os discursos sociais e as ações das crianças e para nos aproximar da questão a que nos propusemos interpretar. Neste sentido, o texto elaborado configura-se como uma tradução – escrita - do que o estudo e as observações durante a pesquisa de campo narraram sobre si, como proposto por Geertz (2011). Tal qual indicado pelo autor, elaboramos uma "descrição densa" (p. 7) com a finalidade de considerar, além das descrições dos fenômenos sociais, os significados envolvidos nas ações das crianças.

O empenho voltou-se para a compreensão das diferenças e dos significados constituídos nas aulas de educação física pelas crianças do quarto ano do ensino fundamental da escola apresentada. Com os pressupostos metodológicos apresentados e o cenário descrito, foi possível avaliar que as diferenciações experimentadas pelas crianças durante as aulas de educação física apontaram tanto para situações nas quais são tomadas como desigualdades quanto para situações nas quais favorecem inclusões nas aulas de educação física, sobretudo nos momentos em que eram problematizadas. As diferenciações e as questões de gênero consideradas como produções das culturas infantis e de nossa sociedade nos permitem pensar em estratégias para lidar com estas diferenças, favorecendo mais situações de inclusão do que de exclusão ao longo de um processo educacional.

DIFERENÇAS E QUESTÕES DE GÊNERO EM DEBATE: NOTAS SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

É Joan Scott (1995) que nos explica que a noção de gênero é usada para sugerir uma organização social entre os sexos, enfatizando posteriormente o caráter fundamentalmente social das distinções de sexo. Estes estudos apontam para uma rejeição de qualquer determinismo biológico implícito para diferenciar homens e mulheres. Portanto, amparados nas definições de Scott (1995), compreendemos que as diferenças de gênero são elementos constitutivos das relações sociais fundadas sobre as diferenças. Assim sendo, as noções de gênero podem ser empregadas também para analisarmos a questão da diferença, apontando para novas perspectivas de interpretação e transformação da sociedade.

Partindo do princípio de que gênero é uma categoria relacional, Sousa e Altmann (1999) destaca a necessidade de se pensar sua articulação com outras categorias durante aulas de educação física, porque gênero, idade, força e habilidade formam um emaranhado de exclusões vivido por meninas e meninos na escola.

Nessa mesma linha de raciocínio, Sousa e Altmann (1999, p.56) ao discorrerem sobre a exclusão de meninas e apontam que "as meninas não são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas".

Diante desse cenário, pesquisas apontam na atualidade um esforço crescente dos professores brasileiros para diminuir as diferenças de gênero no contexto esportivo. Ao investigar a participação feminina em campeonatos escolares, por exemplo, Fernandes (2016) concluiu que a ação afirmativa dos professores durante as aulas de educação física permitem que as meninas tenham maior participação e sucesso nos esportes.

Frente ao desafio de uma educação física escolar que tem entre seus objetivos a inclusão de todos os alunos e alunas, as questões de genero não podem ser apagadas. Sendo assim apresenta-se a seguir os relatos da pesquisa de campo, suscitando, por consequência, renovadas discussões.

Em inúmeras situações, as diferenças relacionadas às questões de gênero ocorriam durante as aulas de educação física observadas. Estas diferenças foram inclusive apontadas pelas crianças como um motivo relevante para o surgimento de conflitos. Em geral, o professor demonstrava atenção a tais questões e, por consequência, organizava rodas de conversa sobre o tema, no início ou ao final das aulas. Em uma destas ocasiões, o professor reservou um tempo maior ao final da aula para questionar e debater com os alunos *"Por que meninos e meninas reclamam de fazer as atividades juntos?"*.

Como resposta, as crianças assinalaram costumes como a elaboração de comentários de colegas sobre namoros, a vergonha de perder para as meninas e *"virar piada"* e o "*nojo*" que algumas das meninas relataram porque os meninos ficam suados com maior facilidade. De fato, comentários como: *"Coisa feia meu, perder para mulher na luta"* foram ouvidos com frequência durante as aulas. A roda de conversa, no entanto, que pareceu ter solucionado e acalmado problemas mais imediatos que aconteciam durante as aulas, como consequência, fez com que Felipe – apontado pelas meninas como um dos meninos que fica suado demais nas aulas – chegasse no dia seguinte mancando e dizendo: *"Ralei o pé jogando futebol ontem na minha casa"* para não participar da aula.

As inúmeras diferenças entre os alunos foram o tema do debate que acalmou – não por muito tempo – algumas tensões presentes nas aulas de educação física. Esta conversa ocasionou o aparecimento de outras problemáticas antes camufladas. Nesse sentido, as diferenças experimentadas pelos alunos sugeriam desigualdades vivenciadas nas aulas de educação física, além de insinuar exclusões de diversas crianças deste processo educacional.

Outro exemplo das diferenciações de gênero que aparecem nas aulas de educação física foi protagonizado por Lorena em aulas que antecederam o Campeonato Interclasses, que aconteceu reunindo atividades especiais durante a Semana da Criança, em meados de Outubro. Como proposição inicial, o professor sugeriu para o Campeonato Interclasses que os meninos se inscrevessem para jogar futebol e que meninos e meninas se inscrevessem em times mistos de queimada. Por outro lado, meninos e meninas tiveram um bimestre sobre o conteúdo futebol anterior às aulas de ginástica acompanhadas pela pesquisa, fato que causou estranhamento por não haver nenhuma reinvindicação de presença feminina no Campeonato Interclasses de Futebol. Pouco tempo depois, Lorena confidenciou que gostaria de jogar futebol, mas optou por se inscrever na queimada justificando o fato de sentir *"medo de não ser boa"*. Questionada se precisava ser boa para participar, Lorena permaneceu em silêncio. Minutos depois correu até o professor de educação física e perguntou: *"Posso jogar futebol também?"*.

O professor não contrapôs a pergunta de Lorena, provavelmente porque estava atarefado com as inscrições de inúmeros alunos no campeonato. Lorena, portanto, permaneceu inscrita exclusivamente para os jogos de queimada. Durante o evento, os times mistos disputaram os jogos de queimada no espaço ao lado da quadra, enquanto as equipes inscritas no futebol utilizavam na quadra. Como uma ou duas meninas de cada sala se interessaram em jogar futebol depois de Lorena, o professor posteriormente definiu que elas se agrupariam e disputariam um jogo com o campeão do time dos meninos.

Evidentemente a proposta não parecia tão promissora já que as meninas tinham menos vivências do que todos os outros meninos e ainda assim disputariam um jogo com o melhor time formado por meninos da escola, com chances remotas de vencerem ou de vivenciar um jogo minimamente competitivo. O jogo "*festivo*" (como nomeado pelo professor) ocorreu e o comentário realizado ao final pelo professor foi: *"Claro que elas perderam de muito, mas foi só pra brincar"*.

Assim, muito embora tenham efetivamente conseguido formar um time e conquistado certo direito de participar da atividade, as meninas não tiveram a oportunidade de disputar o campeonato como os outros times. Desta forma, avaliamos que parece haver uma grande dissonância entre o que a educação física tematiza, ensinando e praticando ao longo dos bimestres e os moldes esportivos convencionais usados nos campeonatos escolares. Após iniciar os questionamentos sobre a disputa do campeonato de futebol, Lorena perseverou em seus comentários. Em outra conversa, aproximadamente um mês depois, o professor explicou *"A violência está no Homem, não na luta"* e em seguida, Lorena indagou *"E na mulher?"*.

Igualmente, conheceram o silêncio como resposta à pergunta elaborada por Lorena. Com isso, queremos explicitar que os saberes ensinados durante as aulas de educação física não podem estar desarticulados do restante do contexto da escola. Ora, se as meninas aprendem a jogar futebol durante as aulas assim como os meninos, a estas deve ser oportunizada a oportunidade de se inscrever, disputar e participar do Campeonato Interclasses organizado na instituição. Estas diferenciações experimentadas pelas crianças durante as aulas de educação física assinalaram conjunturas em que as diferenças são tomadas como desigualdades ao longo do processo educacional.

Os episódios narrados nesta sessão confirmam que debates aconteceram nas aulas de educação física ao longo dos dois bimestres observados, mas ações contrárias ao que estava sendo debatido até então foram efetivadas. Posto isso, o discurso não pode ser considerado suficiente para transformar diferenças experimentadas como desigualdades pelos alunos em diferenças que não determinam suas participações nas aulas de educação física.

De modo contrário, as diferenças construídas e desconstruídas pelas crianças ao longo deste processo educativo devem ser vivenciadas como uma possibilidade, sendo debatidas e recebendo um trato pedagógico ao longo das próprias aulas de educação física, favorecendo o uso destas diferenças como formas de incluir por meio de discussões, atividades sugeridas para suscitar debates ou outras escolhas pedagógicas feitas pelo professor ao longo das aulas.

Os dados de pesquisa aqui expostos como componentes de uma diversidade cultural, precisam alcançar a compreensão das crianças, tomando a questão da diferença como um pressuposto para as aulas de educação física. Necessitamos pensar a educação e a escola como espaços que tratam das diferenças mais evidentes e também daquelas que são invisíveis (CAPELO, 2003). Para a autora, podemos considerar as duas formas de manifestações das diferenças porque estas nem sempre estão à mostra e são constantemente ocultas por processos de inclusão que têm apenas adicionado crianças às aulas, sem permitir que estes se apropriem dos conhecimentos que deveriam ser democraticamente propostos pela escola. Com o entendimento e a contribuição da questão da diferença como pressuposto para as aulas, no entanto, é possível transformarmos estas práticas de exclusão acentuadas historicamente na escola.

Ao considerarmos a educação física escolar como uma prática cultural, podemos nos amparar nas tensões e nos riscos apresentados por Daolio (2005), necessários para um constante repensar da área, mantendo-a dinâmica e ativa com o surgimento de novos questionamentos e novas investigações. Em uma das três tensões apresentadas pelo autor, estão os desafios e as dificuldades de lidarmos com o "outro", buscando uma prática pedagógica que consiga alcançar, ao mesmo tempo, todos e cada um dos alunos nas aulas de educação física. Para o autor, estas dificuldades apresentadas nesta tensão geram ações transformadoras e novas reflexões, que precisam ser rediscutidas e repensadas para suscitar novas ideias que permitam aperfeiçoar a prática docente.

Expondo seus estudos sobre o conceito de alteridade, Daolio (2005) ainda conclui que as diferenças constituem nossa vida social e, portanto, as aulas de educação física escolar também devem considerar este enredo de diferentes para que possam alcançar todos os seus alunos. Ainda que diferentes, os alunos são iguais somente porque possuem o mesmo direito à prática das aulas de educação física. Para o autor justamente na expressão de suas diferenças é que os seres humanos são iguais.

Sem generalizar de forma imprudente a realidade observada, dirigimo-nos nesta ocasião a nos descolarmos das interpretações particulares em busca de reflexões mais amplas sobre o tema das diferenças nas aulas de educação física, reunidas no tópico a seguir que compõem as nossas considerações finais. Questionamos, neste sentido, a escola apenas como *lócus* de obrigações e deveres, que acaba por distanciá-la dos sujeitos e suas diferentes culturas (GUSMÃO, 2015).

ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA: POR UM LUGAR DA DIFERENÇA

Lugar de encontro e confronto de diferentes culturas, a escola precisa ser o espaço e o tempo adequados para o exercício da alteridade e para a compreensão do outro. Tomar as diferenças de gênero como pressuposto para as aulas de educação física significa, neste sentido, remover a igualdade que nos é conferida e compreender que os confrontos que emergem da diferença são fundamentais em todo processo pedagógico.

Com a mediação do professor, o encontro e o confronto dos saberes dispostos nas culturas do adulto e nas culturas infantis podem auxiliar a construção de conhecimentos sistematizados sobre a cultura corporal de movimento (RODRIGUES JÚNIOR, 2008). Por meio de comparações que não buscam a igualdade, mas que constroem novos conhecimentos a partir da diferença, o autor entende que o professor pode propor situações que estimulem as crianças a divulgar seus entendimentos e, neste sentido, um novo conhecimento estaria sendo construído a partir de algo que as crianças já conheciam e sabiam.

Para Rodrigues Junior (2008) as aulas de educação física não devem subordinar os saberes cotidianos das crianças ao conhecimento sistematizado da educação física, mas transformar este encontro em uma relação cíclica: o professor deve acessar os saberes dos alunos, em uma circulação do senso comum ao conhecimento científico, e este deverá propor posteriormente novos conhecimentos às crianças. Quando as possibilidades de um conteúdo estão esgotadas, por exemplo, o ciclo se renova para a mobilização de novos saberes presentes no senso comum, que serão novamente confrontados com os temas da cultura corporal de movimento pelo professor.

Em outros dizeres, Betti; Gomes-da-Silva e Gomes-da-Silva (2015) explicam que os conflitos e as dúvidas nos removem do apego que desenvolvemos em situações confortáveis e das categorias e sistematizações já efetivadas, enfim, dos significados já estabelecidos. Entendemos, deste modo, que as propostas pedagógicas e curriculares precisam transformar suas práticas excludentes, tomando a questão da diferença como um pressuposto para as aulas de educação física. Em busca das diferenças como uma possibilidade de contribuição para a construção de conhecimentos na escola, não há como sustentar a busca por uma suposta igualdade entre as crianças ou entre o professor e as crianças nas aulas de educação física. O enredo das diferenças estudado a partir das questões de gênero, em outro sentido, nos fornece novos entendimentos para o estudo da educação física escolar a partir dos significados atribuídos pelas crianças no cotidiano destas aulas.

O estudo de cunho etnográfico proposto encontrou na realidade descrita que as crianças experimentam as diferenças também como uma possibilidade nas aulas de educação física. Ainda que a realidade apreendida não possa ser generalizada para outros casos, entendemos que estas possibilidades apresentas pelas crianças podem ser úteis para subsidiar outros estudos e contribuir com diversas pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, J.; GONÇALVES, M.C.R.; MEDEIROS, D.C.C.; GALATTI, L.R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.24, n.2, p.607-618, abr./jun. de 2018.

BETTI, M.; GOMES-DA-SILVA, E.; GOMES-DA-SILVA, P. Educação física em perspectiva semiótica – a investigação científica para além das dicotomias. In: STIGGER, M.P. (Org.). **Educação física + humanas**, Campinas, SP. Autores Associados, 2015, p.89-109.

CAPELO, M.R.C. Diversidade sociocultural na escola e a dialética da inclusão/exclusão. In: GUSMAO, N. (Org). **Diversidade, cultura e educação**: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003, p.107- 134.

DAOLIO, J. A educação física como prática cultural: tensões e riscos. **Revista Pensar a Prática**, p.215-225, jul/dez, UFG: Goiânia, 2005.

DORNELLES, P.; FRAGA, A.B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v.1, n.1, p.141-156, ago. 2009.

FERNANDES, S.C. **A educação esportiva de meninas na escola pública: experiências positivas de gênero na educação física**. 132f. 2016. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso – Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, jan-abr, n.10, p.58-78, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.19, n.2, p.143-151, 2005.

GUSMÃO, N.M.M. Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.21, n.44, p.19 – 37, jan./abr., 2015.

RODRIGUES JUNIOR, J.C. **Os saberes cotidianos de alunos nas aulas de educação física: implicações para a prática pedagógica**. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (org). **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, E.S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, v.19, n.48, p.52-68, 1999.

UCHOGA, L.A.R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.38, n.2, p.163-170, 2016.

Apoio:
Capes, com a concessão de bolsa de mestrado de março de 2014 a março de 2015.

Faculdade Anhanguera de Campinas – SP
R. Emília Stefanelli Ceregatti, 100
Jardim Morumbi
Campinas/SP
13052-100